

**ABEBÉ DE OXUM: EXEMPLIFICAÇÕES SIMBÓLICAS DO IMAGINÁRIO E SABERES AFRORELIGIOSOS DO CANDOMBLÉ DESDE A ESTÉTICA**

***ABEBÉ DE OXUM: EJEMPLOS SIMBÓLICOS DEL IMAGINÁRIO Y EL CONOCIMIENTO AFRO-RELIGIOSOS DEL CANDOMBLÉ DESDE UNA PERSPECTIVA ESTÉTICA***

***OSHUN'S ABEBÉ: SYMBOLIC EXAMPLES OF CANDOMBLÉ'S AFRO-RELIGIOUS IMAGINARY AND KNOWLEDGE FROM AN AESTHETIC PERSPECTIVE***



Leandro Tiago FERREIRA<sup>1</sup>  
e-mail: leandrotiago555@gmail.com



Mário de Faria CARVALHO<sup>2</sup>  
e-mail: mariofariacarvalho@gmail.com

**Como referenciar este artigo:**

FERREIRA, L. T.; CARVALHO, M. de F. Abebé de Oxum: Exemplificações simbólicas do imaginário e saberes afroreligiosos do Candomblé desde a estética. **Rev. Cadernos de Campo**, Araraquara, v. 24, n. esp. 1, e024011, 2024. e-ISSN: 2359-2419. DOI: <https://doi.org/10.47284/cdc.v24iesp.1.18190>



| Submetido em: 22/06/2023  
| Revisões requeridas em: 08/03/2024  
| Aprovado em: 02/04/2024  
| Publicado em: 30/09/2024

---

**Editores:** Profa. Dra. Maria Teresa Miceli Kerbauy  
Prof. Me. Thaís Cristina Caetano de Souza  
Prof. Me. Paulo Carvalho Moura  
Prof. Thiago Pacheco Gebara

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Caruaru – PE – Brasil. Mestrando em Educação Contemporânea e Bacharel em Design.

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Caruaru – PE – Brasil. Professor Associado IV do Núcleo de Design e Comunicação e Professor Permanente do PPGEduc.

**RESUMO:** Apresentamos uma análise estético-simbólica, à luz da teoria do imaginário postulada por Gilbert Durand, relacionada às simbologias manifestadas esteticamente no espelho empunhado por Oxum, o abebé. De modo a considerar as subjetividades provenientes do corpo de culto do Candomblé, relevamos questões inteligíveis provenientes da afrorreligiosidade, desde uma perspectiva estética. Retomamos o capital pensado de uma tradição afrodiáspórica e os saberes que emanam dos seus ritos a partir da fotografia de seus objetos sacros. A aproximação construída conjuntamente à Teoria do Imaginário resulta numa interpretação dos aparatos do sagrado que demarcam os artefatos constituintes da religiosidade e concebe um percurso de materialização da presença do divino metafísico em terra. Ainda, transpõe significados inerentes às suas características simbólicas, sintetizadas através de artefatos sacros e suas conotações ocultas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estética. Saber afrodiaspórico. Orixás. Candomblé.

**RESUMEN:** *Presentamos un análisis estético-simbólico, a la luz de la teoría de lo imaginario postulada por Gilbert Durand, relacionado con las simbologías manifestadas estéticamente en el espejo esgrimido por Oxum, el abebé. Para considerar las subjetividades que surgen del cuerpo de culto del Candomblé, destacamos las cuestiones inteligibles que surgen de la afro-religiosidad desde una perspectiva estética. Retomamos el capital de pensamiento de una tradición afro-díaspóra y el conocimiento que emana de sus ritos a través de la fotografía de sus objetos sagrados. El enfoque construido en conjunción con la Teoría de lo Imaginario resulta en una interpretación de los aparatos de lo sagrado que demarcan los artefactos que componen la religiosidad y concibe una vía de materialización de la presencia de lo divino metafísico sobre el terreno. También transpone significados inherentes a sus características simbólicas, sintetizados a través de los artefactos sagrados y sus connotaciones ocultas.*

**PALABRAS CLAVE:** *Estética. Conocimiento afrodiaspórico. Orixás. Candomblé.*

**ABSTRACT:** *We present an aesthetic-symbolic analysis, in the light of the Theory of the imaginary postulated by Gilbert Durand, related to the symbologies manifested aesthetically in the mirror wielded by Oxum, the abebé. In order to consider the subjectivities stemming from the Candomblé cult body, we highlight intelligible issues stemming from Afro-religiosity from an aesthetic perspective. We return to the thought capital of an Afro-diasporic tradition and the knowledge emanating from its rites through photographing its sacred objects. The approach constructed in conjunction with the Theory of the Imaginary results in an interpretation of the apparatuses of the sacred that demarcate the artifacts that makeup religiosity and conceives a path of materialization of the presence of the metaphysical divine on land. It also transposes meanings inherent in its symbolic characteristics, synthesized through sacred artifacts and their hidden connotations.*

**KEYWORDS:** *Aesthetics. Afrodiasporic knowledge. Orixás. Candomblé.*

---

## Introdução

A presente pesquisa está inserida no contexto da estética expressa nos aspectos formais constituintes das paramentas utilizadas no Candomblé e suas práticas devocionais direcionadas a Oxum<sup>3</sup>. Apresentamos, enquanto *locus* das ritualísticas aqui analisadas, o Terreiro T'Aziry Ladè, fundado na cidade de Caruaru, no agreste pernambucano, espaço religioso que proporcionou a leitura de questões provenientes do culto e que conserva as tradições do Candomblé de Nação Jeje-Mahi. Trata-se de um universo que possibilita outras formas de direcionar o olhar às tradições afrorreligiosas, cujos saberes se relacionam diretamente com os agentes compositores de suas práticas.

Situado na geografia periférica do Monte Bom Jesus, esse Terreiro atua enquanto espaço físico propulsor das potencialidades de corpos subalternos, promotor do ajuntamento de subjetividades em um espaço de acolhimento das pluralidades. As trocas de saberes impulsionadas pelo estreitamento dos vínculos, nesse espaço, tencionam as estruturas do capital pensado, o imaginário e a tradição e impulsionam uma singular cosmologia. Ao apresentar relação estrita com os saberes propagados a partir da tradição do Candomblé, tais derivações se dimensionam na totalidade de seus ritos, nos quais as derivações estéticas expressam significados próprios e exprimem o imaginário (Carvalho; Cardoso, 2015).

Concebido no cerne do trajeto antropológico<sup>4</sup> dos indivíduos que compõem o corpo de culto do Terreiro, o imaginário revela as impressões imanentes e transcendentais das corporeidades, estendidas com base nas trocas, nos fluxos e no contexto social no qual se encontram inseridos. Esse imaginário, ainda, reside nessa possibilidade de não racionalização das características transcendentais percebidas no Candomblé, na concretização do percurso interpretativo proveniente das experiências, consideradas efêmeras, mas com a potencialidade de sintetizar aspectos relativos à tradição e seus traços simbólicos, na cronologia histórica (Durand, 2012).

O processo de se simbolizar está, então, indissociavelmente relacionado à natureza humana (Pitta, 2005). Além disso, atravessa as suas estruturas sociais e culturais, atravessadas pela construção de imaginários provenientes das vivências dos indivíduos e de suas derivações em relação aos espaços que ocupam. O Candomblé, enquanto espaço de difusão de saberes e de construção de identidade religiosa, constitui possibilidades de manifestação do inteligível

<sup>3</sup> Divindade de origem Iorubá, apresenta relação estrita como o rio homônimo, em território Nigeriano. No Brasil, é associada aos desdobramentos da diáspora e possui seu culto associado às águas doces e cachoeiras.

<sup>4</sup> Postulado por Gilbert Durand, o trajeto antropológico é considerado o caminho percorrido pelos seres humanos para dar sentido aos seus contextos, transpassados pelas trocas entre os sujeitos, a natureza e o inconsciente.

em um campo sensível, no qual são acentuadas as impressões estéticas, reconhecidas pelos sentidos.

Neste estudo, refletimos a partir tanto de uma ótica etnográfica, pautada nas contribuições desse método para a retomada da consciência simbólica na organização mental dos grupos sociais (Durand, 1994), quanto de uma fenomenológica, ao lidar com a busca do cerne imediato das concepções acerca do sagrado (Bachelard, 1993) sobre as dimensões simbólicas provenientes das impressões estéticas que compõem a afrorreligiosidade brasileira. Por meio dos artefatos integrantes da materialização em terra da orixá Oxum, em diálogo com a teoria do imaginário (Durand, 1994, 2012), é realizada a busca de confluências e seus atravessamentos que ressoam nos aportes teóricos indicados.

A pergunta que inicia as constatações aqui dispostas é: *como a estética dos instrumentos relacionados a Oxum representa simbolicamente os saberes do Candomblé, sob a perspectiva de seu imaginário no Terreiro T'Aziry Ladê?* E, no que concerne aos objetivos específicos, a pretensão é: analisar a construção estética de instrumentária e artefatos de Oxum; apresentar uma abordagem dos saberes relativos à estética ao levar em consideração a tradição afrodiaspórica do Candomblé; e, ainda, identificar as projeções estético-simbólicas dos artefatos de culto a Oxum no Candomblé.

Não pretendemos, com esse estudo, alcançar uma finalização sobre as possibilidades simbólicas do sagrado no Candomblé; afinal, seria um movimento reducionista que não condiz com a multiplicidade existente no pensar não ocidental (Durand, 1994). Consideramos que cada terreiro resguarda uma cosmologia própria, relativa às subjetividades de seus integrantes. É com base nesse recorte que estipulamos as argumentações aqui propostas, cujos enfoques remontam à tradição do Candomblé no Terreiro T'Aziry Ladê e seus saberes ancestrais.

### **Estética: do metafísico ao sensível, reflexão de sentidos**

Constituídas por intermédio dos atravessamentos dispostos no cotidiano dos terreiros e dos aspectos ligados às pluralidades compositoras de seus imaginários, as emanações estéticas são compreendidas enquanto escopos que perpassam as subjetividades, direcionando-as à formação de imaginários coletivos.

Almeida (2015) compreende, assim, a dimensão estética enquanto uma perspectiva na qual figuram as sensações concebidas por intervenção dos sentidos. A estesia norteia as impressões primárias, anteriores aos esforços da racionalização, na qual se exercita a

capacidade de sentir o mundo, de compreendê-lo sensivelmente. Trata-se, neste estudo, de um exercício de percepção etnográfica e fenomenológica dos símbolos sacros, cujos semblantes sintetizam atributos morais, estéticos e culturais, exprimindo intentos que transcendem à forma (Geertz, 1989) em seu sentido elementar. Consideramos, então, que a mediação das propriedades alegóricas do sagrado afro-brasileiro do Candomblé está intrinsecamente sinalizada nas paramentas de suas atividades ritualísticas (Carvalho; Ferreira, 2022).

As construções de sentido atribuídas aos instrumentos e às deidades que os empunham não podem exemplificar de maneira simplista os afetos e os conhecimentos tecidos nas representações imagéticas contidas nas paramentas de culto, tal qual as relações de devoção construídas entre os(as) adeptos(as) do Candomblé e de tais utensílios. A arte evidenciada nos ritos está diretamente relacionada aos corpos (Silva, 2008), pois é através dos aparatos carnis que se manifesta o transe cerimonial da presença dos Orixás entre as pessoas, considerados, assim, indispensáveis às suas presenças em terra.

Rabelo (2015) entende que as práticas perpetuadas em terreiro estão compostas a partir de camadas que visam direcionar o olhar do visível para o invisível e estabelecem a presença do aspecto sensível através das materialidades que assentam a presença do divino. Configurado na interação entre os corpos subalternos e suas experiências, o processo de simbolização constitui o cerne da existência humana e é inerente a essa condição (Pitta, 2005), uma vez que, nele, figuram ponderações imateriais que versam sobre a reprodução de grandes imagens ancestrais.

As noções que orientam a percepção estética das paramentas no Candomblé estão fundamentadas na disposição de seus elementos, que se posicionam à margem das elaborações hegemônicas e são atravessadas pelos impactos da colonialidade. Essa perspectiva vai além do viés reducionista imposto pela colonialidade, promovendo a produção de saberes alternativos. Em valorização à construção e perpetuação de conhecimentos diversificados, baseados nos princípios da ancestralidade e no envolvimento ético e espiritual para a harmonização entre os seres e a natureza (Ferreira; Freire; Oliveira, 2019), é por meio da religiosidade que os(as) adeptos(as) ressignificam tanto os processos de integração às suas comunidades quanto a resistência às imposições colonialistas.

As manifestações sensíveis das dimensões inteligíveis presentes no Candomblé, então, teatralizam-se por intermédio da estética, com apresentações múltiplas que integram os ritos constituintes da tradição. Entre tais manifestações das características transcendentais, em suas naturezas imanentes, destacam-se os artefatos utilizados pelos orixás em terra. Apresentados

em seus aparatos formais, os apetrechos formalizam propriedades gestuais, simbólicas, arquetípicas e mitológicas das divindades às quais são atribuídos, de modo que promovem o desdobramento do imaginário em figurações sensíveis.

### **Construção de saberes a partir do Candomblé**

As reflexões aqui compreendidas consideram a tradição religiosa do Candomblé enquanto parte do conjunto de práticas em prol da conservação dos saberes ancestrais. As micropolíticas da religiosidade restauram a memória africana trazida para o Brasil durante a diáspora e resgatam identidades, relativas às etnias, culturas, linguagens e tradições. De acordo com Quijano (2005), tais imposições implicaram que vários povos, como congos, bacongós, iorubás, fons e zulus, tornassem-se tão somente “negros” e “escravos”, em um esforço para o aniquilamento de suas identidades.

Segundo Parés (2007), os esforços em prol da conservação dos costumes de antepassados coincidem para um ponto único, no qual diferentes etnias e suas ritualísticas particulares convergem em um horizonte no qual os Candomblés se estabelecem conforme ambientes aglutinadores. Fundamentado na congregação entre as disparidades e as similitudes das liturgias afro-brasileiras, o escopo das expressões contidas no arcabouço da religiosidade acolhe traços culturais que remontam à identidade cultural de matriz africana, representada em seus aspectos sensíveis e inteligíveis.

A constituição de uma epistemologia fundamentada no Candomblé remete a construções que transcendem a cronologia do Brasil colonial e se estendem para a contemporaneidade, na qual os corpos marginalizados ressoam suas crenças, suas aspirações. O encantamento (Machado; Oliveira, 2022), determinante ao resgate das ancestralidades, estipula uma configuração intelectual e espiritual fronteiriça capaz de articular saberes provenientes da interação com a metafísica presente no terreiro.

Relegadas às periferias e afastadas dos centros urbanos, essas pessoas organizaram suas vivências em torno de suas comunidades, nas quais estruturaram uma identidade coletiva em harmonia com seu imaginário, considerado um componente das fruições ancestrais e contemporâneas, sejam elas conscientes ou não. O inconsciente manifestado nas práticas de terreiro está relacionado às epistemologias que resgatam particularidades mnemônicas e ancestrais, de caráter atávico. De acordo com Durand (1994), isso representa uma camada da

constituição dos fenômenos que favorece a predileção pelo simbolismo, relacionado ao metafísico, ao sagrado e ao sobrenatural.

O retorno ao inconsciente presente nas estruturas do culto em terreiro ocorre de maneira gradual, nas camadas que se desvelam ao serem contrapostas, às relações inteligíveis promovidas pela interação com seus aportes sensíveis, materializados nos artefatos que concretizam o culto. O caráter atribuído a tais instrumentos revela, também, características sobre suas possibilidades de compreensão, racionalizadas por intermédio da síntese estética (Carvalho; Cardoso, 2015) que dinamiza as grandes ideias que permeiam as concepções sobre tais divindades, pois, a partir desse atributo, transpõem significados ocultos, de modo sensível.

A preservação das tradições denota sua presença nos elementos estéticos associados aos orixás, utilizados pelas divindades durante sua estadia em território humano, dotadas de funções específicas. A arte que esboça as aspirações do metafísico em sua dimensão sensível não existe por mero apelo estético, mas sim formaliza a manifestação do sagrado. Tal caráter sacro, relacionado às dimensões inteligíveis, dimensiona-se esteticamente por meio das representações formais tangíveis:

Um artesão ao esculpir na madeira um oxê (machado) de Xangô que depois será sacralizado pelo banho de folhas, não atribui alma (alma) há algo supostamente inanimado. Antes atua sobre a forma e conteúdo de um objeto já divino na natureza (a própria árvore) ressaltando-lhe sua expressão sagrada (Almeida; Santos; Cardoso, 2016, p. 2).

Os saberes desse grupo estabelecem significados para seus fenômenos simbólicos e formatam um imaginário que adentra suas camadas inconscientes e conscientes. Assim, de acordo com Pitta (2005, p. 13): “Enfim, nada para o ser humano é insignificante, e dar significado implica entrar no plano simbólico”. Tal caráter simbólico das experiências centra-se em torno da repetição de grandes imagens ancestrais, escrutadas no inconsciente e, para Durand (1994, p. 401): “A memória e a imagem, do lado da duração e do espírito, opõem-se à inteligência e à matéria, do lado do espaço. Por fim, na célebre exposição da teoria da fabulação”, posto que a fabulação é inerente ao devir da existência.

### **A Teoria do Imaginário: centramento de imagens**

Tecido no âmbito do trajeto antropológico integrante das experiências pessoais, do mesmo modo que as deambulações provenientes das interações entre os indivíduos, o imaginário é constituído por corpos e através deles, tendo sua definição enquanto o conjunto de

imagens e suas ilações que concebem o capital pensado humano e suas figurações (Durand, 2012). Constituído nos processos de trocas contínuas sujeitas ao conceito de pluralidade e à amplitude das experiências, esse aporte, dotado de vicissitudes e não reducionista, encontra-se disposto integralmente nas construções culturais presentes nas vivências relativas ao Candomblé. A referida noção se irradia no que resvala às divindades cultuadas nessa tradição, cujas representações intuem a síntese pelos seus artefatos.

O imaginário que atravessa as construções estruturais da cultura é, portanto, concebido enquanto expressão da aproximação entre quatro esferas distintas do inconsciente, que são: o *schème*, o arquétipo, o símbolo e o mito (Durand, 1994). Tais categorias atuam de maneira complementar em prol da estruturação de narrativas que perpassam o inconsciente, apontadas enquanto indissociáveis umas em relação às outras. Nesse sentido, Teixeira (2006, p. 3) afirma que é “[...] o imaginário que, por meio do processo de simbolização, define as competências simbólico-organizacionais dos indivíduos e dos grupos [...]”, inerente aos processos que pautam a formatação das identidades.

Algumas das formulações que envolvem as categorias da teoria do imaginário de Gilbert Durand, tendo em vista que o recorte estabelecido para essa pesquisa versa em torno da dimensão simbólica e de suas particularidades, ganham relevo. O *schème*, considerado anterior à formatação imagética, tenciona a gestualidade, e, por conseguinte, estabelece uma relação de conformidade aos impulsos primários das corporalidades (Pitta, 2005). O arquétipo corresponde ao semblante expressivo dos *schèmes*, caracterizado como o primeiro espaço dotado de racionalização do inconsciente, no qual se exprimem emanações provenientes dos contextos nos quais se inserem suas particularidades (Durand, 2012). O símbolo, por sua vez, representa formalmente os arquétipos em um determinado contexto social e atua tal qual ilustração desses e se relaciona especialmente ao sentido da visão, considerado habitual aos ritos nos quais sentidos implícitos demarcam a presença do sagrado (Pitta, 2005). Por último, o mito está atrelado às capacidades de racionalização, confere narrativa às estruturas que o antecedem (por meio de seu aparato discursivo) e normatiza os hábitos humanos (Durand, 2012) ao conceber uma materialidade regente das morais das sociedades, mesmo que estas sejam relativas.

As categorias oriundas da teoria do imaginário estão organizadas a partir de constelações de imagens nas quais o isomorfismo de suas características atua na qualidade de imperativo comunal (Pitta, 2005). Configuram-se, nessa classificação, dois regimes cujas

propriedades influem as possibilidades de racionalização dessas imagens, o regime diurno e o noturno das imagens, cuja oposição norteia suas composições básicas:

Gilbert Durand percebe no material que estuda duas intenções fundamentalmente diversas na base da organização das imagens: uma dividindo o universo em opostos (alto/baixo, esquerda/direita, feio/bonito, bem/mal, etc.), outra unindo os opostos, complementando, harmonizando. O primeiro é o regime diurno, caracterizado pela luz que permite as distinções, pelo debate. O Segundo é o regime noturno, caracterizado pela noite que unifica, pela conciliação (Pitta, 2005, p. 22).

Definido pelas imagens refletidas na dimensão heroica das compreensões simbólicas, o regime diurno é perpassado por elementos significantes relativos às potências solares, sob a qual resplandecem a limpidez da razão despida de dúvidas. Esse regime é atrelado às dicotomias da racionalidade, e também, às representações bélicas portadoras da capacidade de extirpar os componentes distintos, não capazes de homogeneidade (Durand, 2012). A busca pela razão solar estabelece princípios tesos da gestualidade, como a verticalidade disposta à ascensão em direção à luz das verdades absolutas (Pitta, 2005). Aspecto este, aliás, que é igualmente presente no simbolismo da flecha, objeto integrante do arsenal marcial e demonstrativo diurnas, cuja estrutura almeja o voo e a vitória.

O regime noturno é composto pelas imagens místicas e sintéticas, e essas estruturas fornecem um aparato simbólico que se dimensiona às intuições, ao onírico e à imaginação. Suas concepções místicas estão relacionadas às potências de harmonização entre contradições, em busca de um espaço comum entre extremos através da eufemização, potencializada pela perpetuação dos símbolos de intimidade, em atuação uníssona (Pitta, 2005). Por sua vez, as noções sintéticas estão atreladas à dramatização dos atributos destoantes nos contextos das organizações, sejam estas oriundas do consciente, sejam do inconsciente. A harmonia cósmica consequente aos signos de passagem do tempo e aglutinação se transmutam de maneira orgânica na estrutura sintética, visto a despolarização de seus opostos (Durand, 2012).

Propor uma incursão na dimensão simbólica das diversas etapas de convergência para o estabelecimento de significados nas práticas de terreiro implica reconhecer que essa esfera do imaginário abrange elementos sensíveis e outras possibilidades de formulação, sejam elas inconscientes, metafísicas ou surreais (Durand, 1994). Indispensáveis na liturgia do Candomblé, os aparatos de manifestações simbólicas catalisam as potências do imaginário ao materializarem particularidades inerentes às divindades cultuadas no solo sagrado do terreiro. Essas diversas possibilidades de interpretação, que emergem das tramas do inconsciente,

exercitam a visão nas práticas de terreiro, buscando o invisível/metafísico, que se reafirma por meio do transe corpóreo e dos apetrechos estéticos (Rabelo, 2015).

Portanto, a busca por significados plurais integrantes das formas estéticas dispostas nos aparatos de culto a Oxum, por exemplo, permeia a procura pela ambiguidade presente nos símbolos. A expressão de sentidos ocultos, desvelados a partir do contato com os artefatos sagrados, está transpassada, pois, pela subjetividade do corpo de culto ao qual estes constituem, assim como às figurações sensíveis de seus próprios integrantes sobre estes. Durand (2012, p. 54), nesse sentido, afirma que: “Os objetos simbólicos, ainda mais que os utensílios, não são nunca puros, mas constituem tecidos onde várias dominantes podem imbricar-se [...]”, de modo que não buscamos a instituição de uma verdade, mas fazer emergir da realidade social de um culto possibilidades outras de racionalização das potências simbólicas que o compõem.

## **Metodologia**

Para a elaboração deste estudo, recorreremos a uma perspectiva fenomenológica, proveniente da etnografia, tendo em vista a urgência de uma tópica que fosse propulsora de reflexões filosóficas e que valorizasse as pulsões estéticas. Promovendo a compreensão da natureza dos fenômenos em sua integridade (Bachelard, 1993), buscamos evidenciar as proporções dos fenômenos que se remontam nas estruturas das ancestralidades do Candomblé. A partir dessa perspectiva, é possibilitada a inferência entre os afetos que se remontam à relação de afetações entre as categorias estabelecidas nas práticas propagadas em terreiro.

Bachelard (1993) postula que a fenomenologia descritiva é indissociável aos processos da imaginação poética e de epigênese formatadora da imagem, de maneira que sua mediação é concebida pelas emanções provenientes do espírito do sujeito em seus contextos. A atividade polissimbólica é considerada sensível em todas suas confluências e é permeada pelos complexos da memória e da fabulação, passível de assimilação não redutora de suas efemeridades e singularidades, cujas materializações são de cunho estético.

A compreensão dos fenômenos sociais em suas esferas tangíveis é formalizada a partir da estética manifestada nas possibilidades cotidianas das práticas de uma religiosidade, seus ritos e doutrinas, por exemplo. Objetivamos, assim, o acolhimento das similitudes e das disparidades compositoras das dimensões integrantes da totalidade do imaginário que tangencia as impressões sensíveis do campo eleito. A configuração desse campo para a realização da

pesquisa remonta a integração com a territorialidade do ambiente o qual este ocupa, assim como pelo fato de o autor principal da pesquisa ser integrante do Terreiro.

Recorremos a um aporte qualitativo fundamentado em Cardoso e Carvalho (2015, 2018) para a compreensão das dimensões subjetivas e simbólicas que emergem das emanções dos sujeitos e dos fenômenos presentes nos espaços do culto sagrado às ancestralidades. Nesse sentido, a imersão nas significações do campo, no qual se desdobram os fenômenos, é essencial à construção de uma ótica simbólica plural, fundamentada nos agentes compositores da realidade material e imaterial, em diálogo.

A fotografia foi utilizada para a cristalização dos aspectos formais referentes aos artefatos que permeiam as práticas do Candomblé, assim como manifestam a presença tangível do metafísico de Oxum. Afinal, isso permite a observação de traços estéticos no semblante do tempo ao qual pertencem, além evidenciar as práticas sociais (Ball; Smith, 2011). Os registros, realizados pelos autores em incursão ao acevo do Terreiro, são contrapostos à teoria do imaginário de Gilbert Durand (1994, 2012) em busca de perpendicularidades e enlaces.

As informações coletadas, a partir dos contatos orgânicos com o Terreiro, por meio da observação etnográfica, fotográfica sensível e da construção de um diário de campo, serão submetidas à análise fenomenológica a partir das dimensões que a estética corporifica, consideradas simbólicas e sensíveis, compositoras das subjetividades dos(as) membros(as) do Terreiro T'Aziry Ladè e dos itens de culto associados à Orixá Oxum. Essas informações permitem compreender, assim, dadas inferências acerca dos artefatos que habitam as construções simbólicas e o Candomblé.

## **Discussões e resultados**

### **Retorno a Oxum: alinhamento de imagens**

Uma retomada ao caráter inconsciente das tradições de Terreiro suscita suas dimensões ocultas, presentes na organização simbólica que constitui as noções metafísicas relativas ao panteão de divindades. As expressões desses cenários estéticos estão sintetizadas nas formas dos elementos empregados para a manifestação sensível do divino em território humano, demarcando a presença do sagrado nos ritos. Nesses artefatos, estão imbuídas, pois, questões que atravessam o imaginário do sagrado.

O movimento de imersão no terreiro e o retorno a sentidos perpendiculares às ciências convencionais desdobram-se a partir do imaginário construído no âmago do inconsciente das

tradições consideradas orientais. Nos espaços marginalizados, onde essas tradições foram relegadas por resistirem às imposições coloniais e às concepções eurocêntricas que sustentam a razão ocidental (Mignolo, 2005), emergem outras potencialidades de exteriorização de questões imanentes. No que tange aos corpos, ao serem transcendentais em justaposição ao sagrado, outras formas de vivenciar o sagrado os preenchem. Dessa forma, no Candomblé, ecoam saberes que foram relegados ao status de “crendice”, estabelecendo um contraponto à hegemonia do saber ocidental.

Concebemos, dessa maneira, uma resposta à provocação estabelecida por Teixeira (2006, p. 8): “Então, no mundo que nasce, que correntes míticas afloram, ainda que timidamente? Que deuses se fazem ouvir no panteão pós-moderno?”, ao expor as concepções sobre outros(as) deuses(as), distantes dos panteões ocidentais e das imposições binárias? Dedicamo-nos às cosmologias plurais provenientes dos terreiros, cuja resistência está estritamente relacionada às formas de ressignificação da vida em comunidade e à revelia dos saberes homogêneos. Assim, Teixeira (2006, p. 10) afirma: “Uma pedagogia do imaginário como metáfora, seria a porta-voz dos deuses que renascem”, de modo que ponderamos o retorno aos saberes oriundos das africanidades em busca da gênese do imaginário dos artefatos sacros, como os da Orixá Oxum.

As narrativas mitológicas sobre Oxum a descrevem por suas qualidades físicas expressas sensivelmente e pela interação com sua corporeidade, seja no autocuidado, propulsor da autoestima, seja na sua extrema beleza, sedução, elegância e encanto, características indissociáveis para as construções de seu imaginário: “Vivia Oxum no palácio em Ijimu. Passava os dias no seu quarto olhando seus espelhos. Eram conchas polidas onde apreciava sua imagem bela” (Prandi, 2001, p. 323). A reiteração do emprego de elementos estéticos, cujas reflexões destacam a reprodução de atributos físicos e o espelhamento da natureza própria de sua imagem, tem relação com as propriedades atribuídas à *Yabá*<sup>5</sup>.

A recorrência do espelho na mitologia que se refere a Oxum remonta a um espaço de convergência da imaginação simbólica tecida com base nas subjetividades e constituinte das práticas, dos fenômenos sociais, de seus atravessamentos constantes, os quais tendem à confluência de suas imagens em torno de constelações simbólicas singulares (Nogueira, 1993). Tais representações, agrupadas pelas similaridades e pelas lacunas das perspectivas

---

<sup>5</sup> Palavra de origem africana, comum aos dialetos Iorubás. Designa, de maneira genérica, “Mãe rainha”. No Brasil, o título é atribuído às divindades femininas, especialmente às Orixás Oxum e Yemanjá.

provenientes da ancestralidade afro-brasileira, assim como as pluralidades integrantes das religiosidades, eliminam as possibilidades de um pensamento reducionista e remetem ao divino.

As características metafísicas que manifestam o sagrado versam diretamente sobre as corporeidades expressas no transe para Oxum. Por via da manifestação do sagrado nos corpos subalternos, apropriados pelo divino, empunham-se de artefatos e paramentas que ressoam os intentos inconscientes relativos ao imaginário da divindade. É, nesse sentido, que o caráter simbólico evocado em tais objetos, como o *abebé*<sup>6</sup>, concretizam o percurso de elo entre o inteligível e o sensível e expõem compreensões plurais de seus significados, na iminência de transcender a mera realidade perceptível (Durand, 2012).

### **Reflexos e inflexões: alinhamento do sensível**

Oxum, Orixá de origem Yorubá<sup>7</sup>, proveniente dos cultos existentes na região de Oxobô e Abeocutá (Sálami, 1990), teve suas dimensões religiosas transportadas para o Brasil por meio da travessia dos povos escravizados pelo sistema escravagista e colonial. Sua construção mitológica é perpassada pelos atributos naturais relacionados ao caráter fluvial proveniente das águas doces, assim como os aspectos humanos da feminilidade. Em solo brasileiro, seu culto está direcionado aos semblantes sagrados da natureza dos corpos d'água doce, como rios, riachos e cachoeiras. No que se refere aos seus aspectos considerados mais humanos, estes tecem relação íntima com a beleza, a paixão e a sedução, imbuídas na liquidez do mel.

O *abebé* de Oxum, espelho indissociável de suas conotações sensíveis, é empregue na totalidade de suas manifestações em território humano, adquirindo caráter de artefato sacro, de formulação sensível e estética do sagrado, em visualidades. Orientadora das possibilidades de significação expressas nos símbolos, a visão atua enquanto principal sentido de apreciação das características materializadas no entorno do sagrado.

Permeada por inquietações múltiplas, a construção de significados sobre os artefatos basilares para a composição do imaginário relativo a Oxum está alinhada ao inconsciente coletivo da tradição do Candomblé, uma vez que resguarda sentidos cuja expressão reside no campo do sensível. Percebemos, nesses artefatos, uma polissemia simbólica nas confluências imagináveis entre as distintas pluralidades que coabitam e estruturam os sentidos sobre o divino e os reflexos por intermédio do espelho sacro.

<sup>6</sup> Palavra de origem Iorubá, denomina o artefato mais característico do culto a Oxum, o espelho de mão.

<sup>7</sup> Povos africanos das regiões da Nigéria, Benin e Togo. Traficados para o Brasil, foram responsáveis por parte majoritária das cosmologias inerentes aos Candomblés de nação Ketu.

**Figura 1 – Abebé de Oxum**



Fonte: Elaboração dos autores

Confeccionado em latão e revestido por tecidos de variadas composições, além de elementos que evocam pedras e metais preciosos, como o ouro, o *abebé de Oxum* simboliza as estruturas noturnas e lunares presentes em sua mitologia e seus desdobramentos, assim como na convivência entre os devotos dedicados ao seu culto, sejam eles iniciados ou não. Dotado de uma multiplicidade de significados, o espelho estabelece uma conexão com a água, representando um retorno a si mesmo, o retrato primordial da difusão das subjetividades (Durand, 2012), sob a qual se revelam os mistérios da fluidez, ocultos aos olhos que apenas vislumbram a superfície.

Alinhada ao retorno às águas primordiais está a presença do ventre na formalização do espelho, estrutura que fundamenta outras formas de vida. Esse formato dá origem a idealizações fundamentais relacionadas ao culto às grandes mães, cujas proporções arquetípicas também se manifestam nas simbolizações das *Yabás* (Pitta, 2005).

Abrigo natural de líquido amniótico contido no interior da corporeidade humana, o ventre é, assim, berço para o acalento das águas mornas que compreendem a gênese da formação da vida. Considerado o rio primordial sobre o qual convergem as possibilidades de deságue da existência, o órgão é reinterpretado como símbolo de intimidade (Durand, 2012), caracterizado por sua essência de acolhimento e proteção.

O dourado disposto na totalidade da composição do *abebé* versa diretamente com as possibilidades oriundas da ambiguidade característica das divindades cultuadas no Candomblé. Manifestam-se, no dourado, questões relativas tanto às potências celestes do sol quanto aos movimentos rítmicos do acolhimento à luz dos tesouros guardados à intimidade dos segredos.

Recai sobre Oxum distinta concepção, para além da razão solar que resguarda o dourado, apresentando o ouro enquanto fragmento integrante de sua própria narrativa mitológica (Prandi, 2001). Associado às características de brilho, o ouro apresenta a capacidade de projetar o reflexo através da limpidez de sua superfície feérica, mas também conota a retomada às essencialidades de seus princípios internos (Durand, 2012), sendo indissociável dos princípios alquímicos que circundam as potencialidades de transmutação da realidade.

Centralizado no espelho, envolto por uma miríade de outros fundamentos simbólicos, é possível identificar um cristal de cor dourada, resguardado pelo tecido branco que remonta ao movimento circular, assim como pelo bordado que alude às pétalas de cor dourada. Tais elementos que circundam a joia remetem à função de proteção destinada aos segredos detentores de propriedades que se estendem para além do racional, tencionando simbolizar o acobertamento de outro componente natural fundamental às mitologias referentes a Oxum: o mel (Prandi, 2001). A gota dourada, símbolo das potências do mel, ao qual se atribui o caráter de doçura e sedução, refere-se ao líquido utilizado nos rituais com o propósito de suavizar dissidências e adoçar as relações. Essa função se realiza tanto pela eufemização quanto pela síntese, aspectos vinculados ao regime noturno das imagens (Durand, 2012).

Em contraponto às características presentes nas diversas tonalidades de dourado, o branco presente na estrutura do espelho está atrelado aos símbolos espetaculares (Pitta, 2005), assim como às potências heroicas descritas na teoria do imaginário. A expressão do sagrado, portanto, projetada através dessa cor, indica o ideal de pureza distintivo dos aspectos metafísicos, assim como a suas confluências para o alcance de uma limpidez transcendental, perpassada pelo atravessamento da verticalidade que mira a ascensão sacra.

### Considerações finais

A análise simbólica do artefato mais característico das mitologias de Oxum, e integrante de suas manifestações sensíveis, exemplifica o encontro de recorrências estéticas e aproximações com a teoria do imaginário de Gilbert Durand. As inferências sobre a multiplicidade das conotações implícitas dispostas no *abebé* apresentam relação direta com o imaginário constituído por e através do corpo de culto do terreiro. As subjetividades permeiam as dimensões simbólicas, e as imagens ancestrais as estetizam.

Fluido em seus saberes, o imaginário do terreiro sugere o acolhimento das pluralidades, e tal movimento culmina nas práticas que congregam as especificidades ancestrais em contraste

às questões provenientes da contemporaneidade. A resistência, para a manutenção das atividades da religiosidade afro-brasileira, dialoga com os anseios de seus membros para a formatação de um espaço fronteiro no qual imperam conhecimentos multifacetados, distantes da universalidade hegemônica reducionista e de cunho colonial.

O resgate das características atávicas demonstra a pertinência com as ritualísticas propostas nos espaços de conservação da afrorreligiosidade brasileira, assim como o acolhimento às pluralidades dos sujeitos que a compõem e provocam alterações em suas estruturas. A convivência harmônica entre a tradição e a inovação constitui o imaginário de tais práticas e suas vicissitudes, projetando-as num espaço de resistência.

Os saberes inerentes às práticas religiosas estão materializados na estética dos artefatos pertencentes às divindades cultuadas no Candomblé. A análise, fundamentada na teoria do imaginário de Gilbert Durand, revela a confluência entre esses artefatos e os regimes de imagens, bem como as constelações de imagens que permeiam o inconsciente humano e remetem aos saberes desenvolvidos pela experiência coletiva no Terreiro. Vale destacar que as interpretações provenientes desse corpo de culto são únicas e mutáveis, variando de acordo com a cronologia da imersão e as especificidades das pessoas que o integram.

Os artefatos atribuídos a Oxum, a divindade maternal do panteão Iorubá, representam elementos que cristalizam materialmente o trajeto do metafísico ao racional, atravessando os corpos tocados pelo sagrado das religiosidades não hegemônicas. Esses objetos sagrados manifestam, de forma espetacular, as propriedades pertencentes ao plano transcendental, perceptíveis pelos sentidos, especialmente pela visão.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rogério de. **O mundo, os homens e suas obras: filosofia trágica e pedagogia da escolha**. 2015. Orientador: Afranio Mendes Catani. 204 f. Tese (Livre docência) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/48/tde-15032016-143517/pt-br.php>. Acesso em: 05 abr. 2024.

ALMEIDA, Anderson Diego da Silva; SANTOS, Jefferson Nunes dos; CARDOSO, Arlindo da Silva. Adornos e Orixás: o design como mediador entre os símbolos e plasticidade. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN*, 12. **Anais [...]**. São Paulo: [s. n.], nov. 2016. v. 2, n. 9, p. 3561-3572. Disponível em: <http://pdf.blucher.com.br.s3-sa-east-1.amazonaws.com/designproceedings/ped2016/0306.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2023.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BALL, Michael; SMITH, Gregory. Ethnomethodology and the Visual: Practices of Looking, Visualization, and Embodied Action. *In: BALL, Michael; SMITH, Gregory. **The SAGE Handbook of Visual Research Methods***. 1. ed. Los Angeles: Sage Publishing, 2011. p. 392-412.

CARDOSO, Fernando da Silva; CARVALHO, Mário Faria de. Questões teórico-epistemológicas à pesquisa social contemporânea: o pesquisador, o ator social e outros aspectos. **FUCAMP Cadernos**, [S. l.], v. 17, n. 30, p. 36-50, 2018. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/1307>. Acesso em: 20 abr. 2023.

CARDOSO, Fernando da Silva; CARVALHO, Mário Faria de. Contemporaneidade, pesquisa social e imaginário. **Revista Nupem**, Campo Mourão, v. 7, n. 13, p. 105-117, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/nupem/article/view/5461/3489>. Acesso em: 10 abr. 2023.

CARVALHO, Mário Faria de; FERREIRA, Leandro Tiago. Estética, imaginário e saber afrodiaspórico: dimensões simbólicas do Candomblé Jeje-Mahi, no Terreiro T'aziry Ladê. **Revista África e Africanidades**, [S. l.], ano XIV, n. 42, p. 84-107, 2022. Disponível em: [https://africaeaficanidades.com.br/documentos/ARTIGOS\\_EDICAO\\_42.pdf](https://africaeaficanidades.com.br/documentos/ARTIGOS_EDICAO_42.pdf). Acesso em: 15 jun. 2023.

DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. 1. ed. Lisboa: Edições 70, 1994.

FERREIRA, Danilo dos Santos; FREIRE, Francisca Jocélia de Oliveira; OLIVEIRA, Lorena Conceição Moreira de. Ensino afrocentrado: uma proposta para estética negra na dança. *In: Encontro Científico da Associação Nacional de Pesquisadores em Dança – ANDA*, 6., 2019. **Anais [...]**. Salvador: [s. n.], 2019. p. 2023-2035. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/34453>. Acesso em: 13 abr. 2023.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

MACHADO, Adilbênia Freire; OLIVEIRA, Eduardo David de. Filosofia africano-brasileira: ancestralidade, encantamento e educação afrorreferenciada. **Cuadernos de Filosofía Latinoamericana**, [S. l.], v. 43, n. 126, p. 48-65, jan./jun. 2022. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/8258572.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2023.

MIGNOLO, Walter. **A colonialidade de cabo a rabo**: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

NOGUEIRA, Maria Aparecida Lopes. A (ex) (des) estrutura em Gilbert Durand. **Cad. Est. Soc.**, Recife, v. 9, n. 2, p. 259-266, jul./dez. 1993. Disponível em: <https://fundaj.emnuvens.com.br/CAD/article/download/1139/859>. Acesso em: 28 abr. 2023.

PARÉS, Luis. **A formação do Candomblé**: história e ritual da nação Jeje na Bahia. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

PITTA, Danielle. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**. 1. ed. Rio de Janeiro: Atlântica, 2005.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

RABELO, Miriam Cristina Marcilio. Aprender a ver no Candomblé. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 229-251, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/grgQ9J6MPkQdRqLBK74xJLQ/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 15 abr. 2023.

SÀLÁMÌ, Síkirù. **A Mitologia dos Orixás Africanos**: Coletânea de Àdùrà (Rezas), Ibá (Saudações), Oríkì (Evocações) e Orin (Cantigas) usados nos cultos aos orixás na África. 1. ed. São Paulo: Oduduwa, 1990.

SILVA, Vagner Gonçalves da. Arte religiosa afro-brasileira: as múltiplas estéticas da devoção brasileira. **Debates Do NER**, Porto Alegre, ano 9, n. 13, p. 97-113, jan./jun. 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/debatesdoner/article/view/5251/2985>. Acesso em: 20 abr. 2023.

TEIXEIRA, Maria Cecília Sanchez. Pedagogia do imaginário e função imaginante: redefinindo o sentido da educação. **Olhar de Professor**, Ponta grossa, v. 9, n. 2, p. 215-227, 2006. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/1461>. Acesso em: 30 abr. 2023.

### ***CRediT Author Statement***

---

**Reconhecimentos:** À CAPES/CNPQ pela bolsa de mestrado.

**Financiamento:** CAPES/CNPQ por via de bolsa de pós-graduação.

**Conflitos de interesse:** Não há conflitos de interesse.

**Aprovação ética:** O trabalho respeitou a ética durante a pesquisa, tendo a aprovação dos membros do Terreiro e seus dirigentes para a realização dos registros. Entretanto, por não envolver humanos diretamente, não houve necessidade de passar por comitê de ética.

**Disponibilidade de dados e material:** Os dados e materiais utilizados no trabalho foram construídos pelo autor em sua integração ao campo, de modo que não estão públicos.

**Contribuições dos autores:** O autor primário, Leandro Tiago Ferreira foi responsável pela coleta de dados e estruturação da pesquisa em conjunto ao seu orientador de mestrado, autor secundário dessa pesquisa, Mário de Faria Carvalho.

---

**Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.**  
Revisão, formatação, normalização e tradução.

